



À BEIRA DA TELA: O ESPAÇO EFÊMERO DA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE/DF

Isaac Araújo Figueiredo da Silva; Raí Silva Braga; Demerson Godinho Maciel e Samuel Estevam Vidal.

 demersongmaciel@gmail.com



INTRODUÇÃO

Entre o corpo e a imagem, há sempre um enquadramento. A televisão não apenas mostra: ela escolhe o que merece ser visto ou lembrado. O corpo com deficiência, quando entra em cena, o faz como quem atravessa uma fronteira simbólica – não apenas para participar, mas para provar-se digno de permanecer (Le Breton, 2007). Na narrativa esportiva, sua aparição é quase sempre vestida de espetáculo, emoção ou superação. O tempo reservado à diversidade ainda é breve, o foco é fugaz, a visibilidade, condicionada (Ferreira *et al.*, 2018). E é nesse gesto intermitente da mídia que se perpetua um silêncio estruturado, onde a deficiência só ganha voz quando encanta, nunca quando apenas é (Seron *et al.*, 2021).

OBJETIVO

Este estudo propôs-se analisar, com olhar crítico e sensível, a cobertura do programa Globo Esporte/DF, observando o tempo efetivamente dedicado à temática da deficiência, as abordagens empregadas e os sentidos construídos em torno das representações veiculadas.

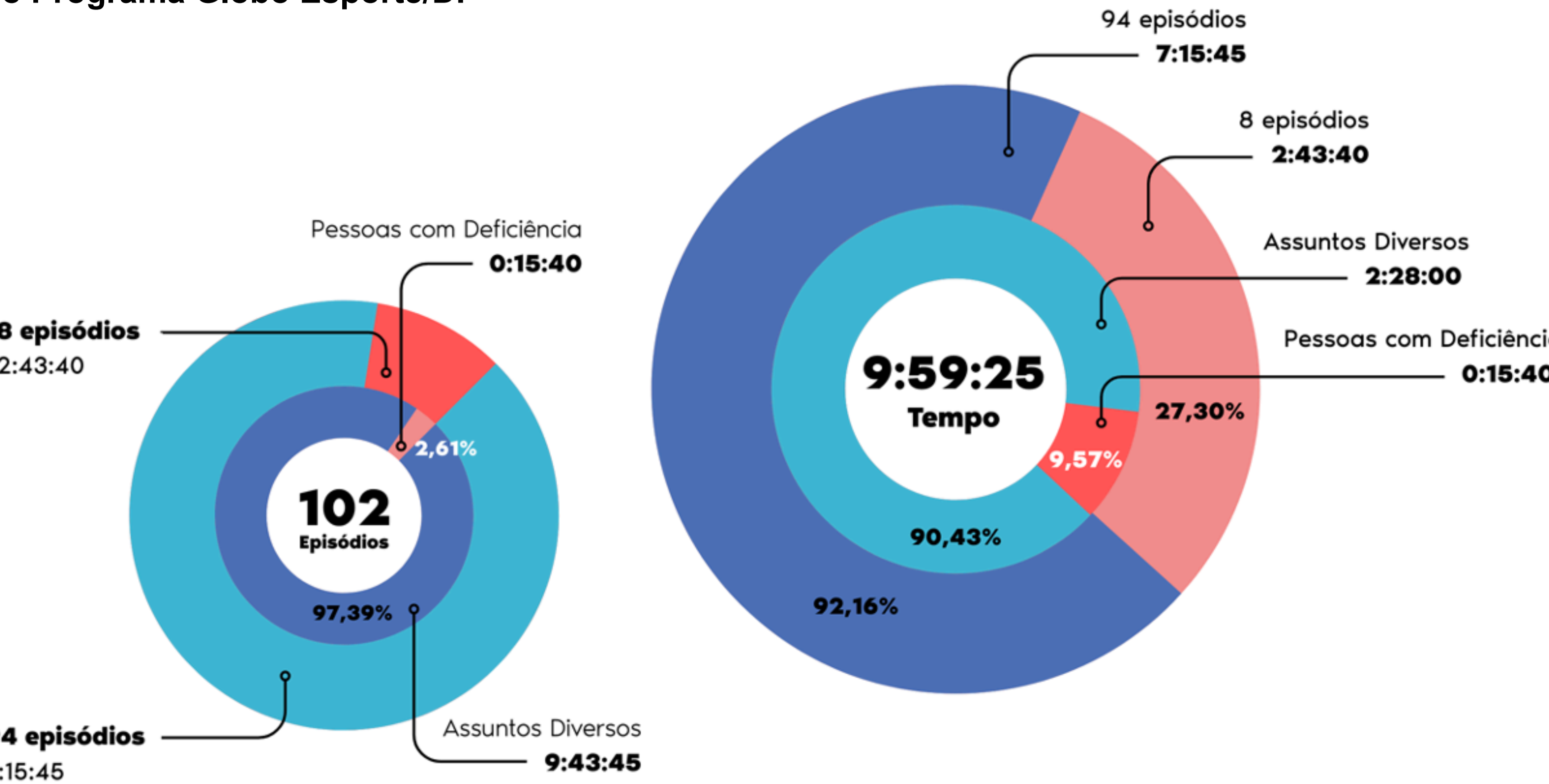
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que analisou 102 episódios do programa Globo Esporte/DF, exibidos entre janeiro e abril de 2024, com média de 20 minutos ± 2min59s por episódio. A análise de conteúdo orientou o processo de codificação, categorização e interpretação das unidades de registro. As etapas incluíram: coleta, visualização, transcrição, categorização das abordagens, quantificação do tempo dedicado ao tema e sistematização dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os 102 episódios do Globo Esporte/DF, observou-se que apenas 8 (7,84%) mencionaram pessoas com deficiência, totalizando 2h43min40s. Os demais 94 episódios (92,16%) não apresentaram qualquer referência, acumulando 7h15min45s. Do tempo total analisado (9h59min25s), 27,30% pertencem a episódios com alguma menção ao tema, mas apenas 15min40s foram efetivamente dedicados à deficiência — 2,61% do tempo total e 9,57% dentro desses 8 episódios. Os 90,43% restantes trataram de outros assuntos. As menções apareceram em datas comemorativas, como o Dia Internacional da Síndrome de Down, e em modalidades específicas, como paracanoagem, futebol de cinco e jiu-jitsu adaptado. A média de tempo por episódio foi de 1min57s ± 1min5s, com destaque para o mês de março, que concentrou cinco das oito inserções.

Gráfico 1 – Episódios e Tempo sobre Pessoas com Deficiência no Programa Globo Esporte/DF



A escassez de episódios e o tempo reduzido destinado à deficiência revelam um padrão estrutural de invisibilidade. Essa ausência atravessa a lógica da audiência, o imaginário coletivo e o modo como o corpo com deficiência é posicionado no discurso público (Seron *et al.*, 2021).

A presença, quando ocorre, é episódica e simbólica. No episódio da Corrida de Reis, a menção foi institucional e superficial; no caso de Sophia Kelmer, a visibilidade foi diluída em um projeto nacional. A Copa Brasil de Paracanoagem foi retratada mais como evento turístico que como disputa esportiva. A história de Jonathan emocionou, mas careceu de vínculo com o contexto local. Em contrapartida, a cobertura da Seleção de Futebol de Cinco apresentou maior profundidade, revelando rotinas, vínculos e estrutura. Já o episódio sobre premiações concentrou-se no valor financeiro, ignorando a fala da atleta sobre saúde emocional.

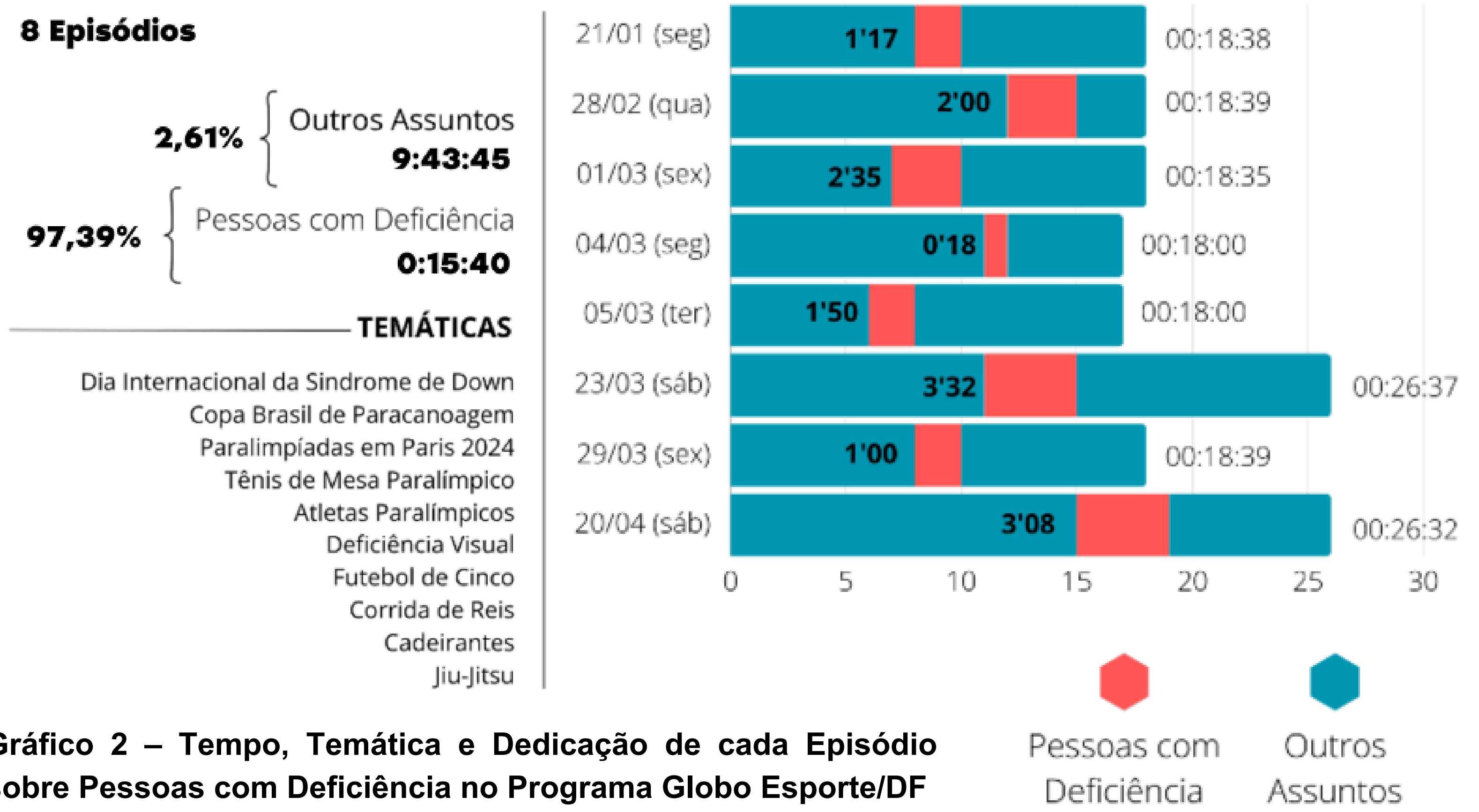


Gráfico 2 – Tempo, Temática e Dedicção de cada Episódio sobre Pessoas com Deficiência no Programa Globo Esporte/DF

As escolhas editoriais revelam uma lógica que atribui valor à deficiência apenas quando convertida em espetáculo, sob condições que justifiquem sua presença (Le Breton, 2007). A narrativa midiática favorece o breve e o inspirador, dificultando representações mais densas (Ferreira *et al.*, 2018). A visibilidade, não se afirma como direito, mas como efeito – não decorre da existência, mas do impacto. Reforça-se, assim, uma estética da exceção, em que o reconhecimento só é concedido àquele que supera, nunca àquele que simplesmente é (Seron *et al.*, 2021). O que se vê, portanto, é uma presença que reafirma a ausência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o corpo e a tela, ainda há um caminho a ser percorrido. Um percurso que exige não apenas mais tempo de exibição, mas sobretudo mais escuta, profundidade e presença. É preciso que a mídia deixe de tratar a deficiência como metáfora e passe a reconhecê-la como parte viva e legítima da sociedade, com sua densidade, suas contradições e sua potência. Não se trata de ampliar o tempo por obrigação, mas de alargar a narrativa para comportar o que hoje se mantém à margem.

REFERÊNCIAS

COSTA E SILVA, A. A., *et al.* Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Campinas: v. 27, n. 4, p. 679-687, out./dez., 2013.

FERREIRA, H. J., *et al.* Mídia e esporte: representações sobre treinadores em um jornal impresso. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Campinas: v. 40, n. 4, p. 397-403, out./dez/, 2018.

LE BRETON, D. A sociologia do corpo. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SERON, B. B.; SOUTO, E. C.; MALAGODI, B. M.; GREGUOL, M. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista: dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. Porto Alegre: Movimento, v. 27, p. e27048, 2021.

